

O Retorno ao Social: Utopia ou Necessidade Para os Terapeutas de Família?

Maurizio Andolfi

Resumo

A proposta deste artigo é, através da revisão do desenvolvimento da Terapia de Família na Itália, repensar algumas mudanças no jeito de ser terapeuta ao redor do mundo. Nos últimos anos, o mundo dos psicoterapeutas foi forçado a repensar sua utilidade social potencial num mundo cada vez mais em crise, dilacerado por desencontros de cultura e de valores religiosos sempre mais divulgados. As revoluções culturais nunca surgem em situações de bem-estar coletivo. A contradição, a injustiça e os desequilíbrios sociais são os ingredientes mais potentes para incitar verdadeiros processos de mudança. Criticamente, é possível afirmar que existe uma tendência a se estar mais acostumado a compreender os clientes que vem à consulta do que levar em consideração uma visão de mundo.

Palavras-chave: *terapia de família; mudanças; história; social.*

The Return to the Social: Utopia or a Necessity for Family Therapists?

Abstract

The propose of this article is to consider some changes in the way of being of the therapist around the world, through the revision of the development of the Family Therapy in Italy. In the last years the world of psychotherapists was forced to rethink its social usefulness in crisis in an environment dilacerated by cultural conflicts and disagreements in religious values even more wide spread. The cultural revolutions never take place in situations of shared wellbeing. Contradictions, injustices and social inequalities are the most powerful ingredients in order to trigger processes of change. Critically it is possible to affirm that there is a tendency to be more used to comprehend

the clients that came for consultation than takes into consideration a vision of the world.

Keywords: *Family therapy; changes; history; social.*

Quando o social é a moldura... o quadro é bem feito.

A terapia de família (o prefixo “psico”, antes da palavra terapia, aparece somente a partir dos anos noventa) chegou à Itália, entusiasticamente levada pelo ímpeto dos pioneiros da América do Norte e alguns Europeus como Mony Elkaim e eu. Assistimos esta primeira fase de verdadeira e oportuna revolução cultural, vivendo e trabalhando nos Estados Unidos durante os anos 70 e buscando diretamente da fonte de Bowen, Whitaker, Framo, Watzlawick, Minuchin, Haley, e assim por diante.

Na realidade, já nos anos 67-74 Selvini-Palazzoli, em Milão, e Cancrini, em Roma, deram vida às primeiras agremiações de terapeutas italianos. Autores que se alimentaram dos trabalhos de Bateson (1972), da “Pragmática da Comunicação Humana” (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1971) e dos primeiros livros de Minuchin (1974) e Haley (1974), alguns dos quais ainda não traduzidos em italiano. Começamos a ver famílias em terapia de modo totalmente autodidata.

Contudo, a verdadeira explosão do movimento da terapia de família na Itália começou antes, com a Conferência Internacional, em 1975, ocorrida no Centro Nacional de Pesquisa de Roma. E, então, encontrou sua consagração na histórica Conferência de Florença em 1978, da qual participaram 1200 terapeutas provenientes do mundo todo, dentre os quais os maiores representantes da terapia de família norte-americana.

Ambas as conferências foram organizadas pelo Instituto de Terapia de Família de Via Reno de Roma, e ambas focalizaram-se na *terapia de família na comunidade*, salientando a necessidade de colocar o entendimento e a resolução dos problemas de uma família dentro de seu ambiente natural. Somente mais tarde, na Itália, a palavra *território* substituiu o termo *comunidade*, talvez com maior comprometimento político, mas não com um significado muito diferente. De fato, naquele momento pensava-se que trabalhar com a família significava entrar diretamente na estrutura social na qual a família evolui, e no espaço no qual se agravam as eventuais dificuldades. A visita domiciliar e o trabalho de rede, nos subúrbios e nas instituições de saúde, eram práticas comuns no trabalho dos terapeutas de família. Estas modalidades de intervenção constituíam o modo mais sofisticado e eficaz para traduzir em concreto o pensamento sistêmico.

A palavra *contexto*, então, torna-se uma moldura na qual se deposita

qualquer observação, tanto para os membros da família quanto para o sistema de tratamento. Por muitos anos este será o conceito chave para os terapeutas de família e o elemento que mais os diferencia da psicanálise. Esta última se obstina a compreender o mundo interno e relacional de um indivíduo no restrito espaço do *divã psicanalítico*, em uma relação exclusivamente dual.

Entretanto, sob o ponto de vista teórico, o pensamento da maioria dos terapeutas de família esteve, nessa época, muito próximo das idéias de Basaglia, que via o social como o local de cura e o recurso para a doença mental. O fato de que a terapia de família era considerada uma “técnica”, assim como sua forte raiz norte-americana, fez dela um fenômeno a ser condenado e contestado imediatamente. Uma prova disto foi o rompimento do primeiro grupo de Via Reno, o qual ocorreu explosivamente após o encontro em Roma, em 1975. O rompimento foi resultado das contradições internas de muitos de seus membros que não estavam aptos a reconciliar-se com a filiação política a qual era muito rígida (a antipsiquiatria era a principal corrente naquele estágio) com o interesse do novo e emergente movimento da terapia de família.

A situação ainda mais paradoxal aconteceu em Florença, em 1978, quando, na entrada da esplêndida *Villa Medicea del Poggio Imperiale*, a Psiquiatria Democrática formou uma verdadeira ação de *piquete*. Houve uma tentativa de impedir fisicamente a entrada, no auditório, de numerosos participantes da convenção, principalmente estrangeiros, que foram surpreendidos pelo alto grau de animosidade contra eles.

Retornando a 25 ou 30 anos atrás, naquele peculiar período dos anos 70, não se pode, especialmente para aqueles de minha geração, não sentir algum tipo de nostalgia e profunda tristeza por um período histórico. Momento no qual, apesar do fato de que realmente as coisas eram geralmente levadas ao extremo, e eram manipuladas por objetivos políticos, nós éramos forçados a lutar para defender nossas idéias (o que significava que em primeiro lugar se deveria ter alguma) e possibilitava a crítica de maneira dialética, e permitia verdadeiramente “sujar as mãos” de forma real, sem filosofar no conteúdo abstrato e intelectual.

Se a terapia de família na Itália teve um desenvolvimento surpreendente e se impôs na Europa como um modelo de primeira classe, isto se deve ao contraste, às origens dolorosas, e à dedicação de vários Diretores de Escolas, corajosos e comprometidos, que lutaram, no sentido estrito da palavra, para a difusão e sedimentação do estudo da família e do pensamento sistêmico relacional. Apesar disso, não podemos negar que mesmo o movimento familiar e as teorias sistêmicas, uma vez estabelecidas em nível

universitário, em vários serviços públicos, e mais ainda no setor privado, tiveram, no decorrer dos anos, o mesmo processo de regressão típico de todas as disciplinas, que após muito esforço, viram-se reconhecidas e perderam aquela dimensão *marginalizada* da inquietação cultural, a qual permite que se mantenha vigilante contra o risco da *Síndrome do sucesso*, a qual, muito freqüentemente, afasta a curiosidade e faz com que se perca o entusiasmo para a pesquisa.

É possível que, ao longo dos anos, possamos redimensionar aqueles aspectos, grandiosos e fortemente idealizados, que nos levaram a pensar no movimento de terapia de família como uma espécie de revolução cultural no meio das assim chamadas profissões de ajuda. Na realidade, as intervenções sistêmico-relacionais devem ser consideradas simplesmente como instrumentos úteis na bagagem do psicólogo clínico, do psicoterapeuta ou do psiquiatra que trabalha no serviço público ou privado.

Quaisquer que tenham sido as razões, incluindo o reconhecimento formal das Escolas de Psicoterapia na Itália, com o conseqüente e preocupante aumento da burocratização dos processos de formação (basta pensar sobretudo na lógica dos ECM¹ do Estado), é notável que as últimas décadas sofreram uma progressiva redução das novas e progressistas idéias. Incluindo a consolidação de uma práxis sempre mais reducionista, onde cada um trabalha isoladamente segundo seu próprio referencial, ignorando ou se contrapondo aos modelos dos que trabalham na sala ao lado. Por vezes tenho me perguntado o que aconteceu com a criatividade, a vitalidade de um movimento que por muitos anos encontrou recursos no interior das famílias em dificuldade que pedem ajuda, e de seu mundo de relações sociais, assim como as discussões sobre pacientes por parte de uma equipe multidisciplinar aberta e apaixonada, ao contrário dos novos e distantes paradigmas dos teóricos sistêmicos, freqüentemente construídos *sobre* seus clientes ao invés de *com* estes, e de suas contribuições ativas.

Concordo plenamente com Salvador Minuchin (1999) quando ele se pergunta o que aconteceu com a família na terapia de família narrativa. E eu também me pergunto, como ele, se as teorias pós-modernas como construcionismo social, podem ajudar os psicoterapeutas familiares a compreender melhor o que é uma família, e se isto implica uma mudança da prática terapêutica. Na realidade, a mudança mais concreta e visível nestas novas teorias é que a família como grupo com história observável nas ses-

¹ [NT: ECM é Educação Contínua em Medicina. Uma organização governamental que regula e controla as atividades formativas promovidas por instituições públicas ou privadas. O objetivo principal é manter elevado o nível das formações dos profissionais da saúde.]

sões em suas interações mais significativas, está praticamente desaparecida: temos excluído a real família como uma “ponte de conexão” entre o indivíduo e o social.

Preocupante a esse respeito é a afirmação de Carlos Sluzki (1999) em resposta ao artigo de Minuchin mencionado acima

...a família não é mais o único centro de atenção na prática dos terapeutas sistêmicos que, para resolver os vários problemas, devem ter em mente uma série de contextos diferentes e das culturas correspondentes. Enquanto a família se mantém um dos mais importantes elementos na transmissão da cultura do pertencimento e seus consequentes significados, estes últimos são continuamente transmitidos e modificados nos relacionamentos diários que o indivíduo tem com pessoas do ambiente externo. Por este motivo, nos últimos tempos, o indivíduo, portador destes significados, adquiriu um papel sempre mais relevante na intervenção terapêutica.

A gaiola do individualismo moderno e a pressão transcultural, ou ao contrário nem tudo o que é ruim vem para o mal...

Retornando à Itália depois de ter vivido por alguns anos num país essencialmente multicultural como os EUA, onde o conflito e a tensão entre culturas, etnias, tradições, valores religiosos e familiares diferentes estão presentes, sente-se no ar que se tem que lidar continuamente com o preconceito e o racismo de uma cultura dominante, que faz do bem-estar individual o seu objetivo principal. É muito interessante observar, nas últimas décadas, um fenômeno totalmente novo para nós italianos: uma mudança daquela histórica transmissão aos países de migração (a Itália exportou mais de 26 milhões de pessoas em um pouco mais de 100 anos!!) para a presente realidade de um país que se encontra acolhendo progressivamente um número sempre crescente de imigrantes.

Entretanto, retomando as observações de Sluzki (1999) que afirma que os interlocutores fundamentais do pensamento pós-moderno são o indivíduo e o ambiente social, e que a família deve ser fortemente redimensionada como “agência do social”, quero exprimir meu profundo desacordo, citando pelo menos duas experiências relativas ao complexo tema do diálogo/conflito entre culturas. A primeira refere-se ao meu trabalho com a comunidade ítalo-americana em Nova Iorque nos anos 70, e parte da constatação de que o preconceito maior no confronto dos ítalo-americanos com a sociedade dominante não é direcionada a um certo indivíduo em especial – de fato os homens italianos eram procurados e reconhecidos como tendo uma reputa-

ção de bons e competentes trabalhadores - mas preferencialmente a seu mundo familiar e seus valores tradicionais (sua possessividade em relação à mulher, que, por causa do orgulho masculino não podia trabalhar fora de casa; a forma de educar os filhos e as regras de comportamento muito rígidas; a importância da família extensa com grandes almoços dominicais e as algazarras habituais das comunidades italianas; etc.). Isto realmente fazia com que os ítalo-americanos sofressem e se sentissem marginalizados. Era como se sentirem negativamente rotulados como famílias e discriminados no plano de suas próprias raízes culturais e dos próprios valores tradicionais.

Recentemente, a Fundação Silvano Andolfi realizou um projeto de pesquisa para o Cnel sobre *“A qualidade de vida das famílias imigrantes”* (2003). Nesta circunstância, entrevistamos 250 famílias em todo o país, segundo a proporção dos países de imigração mais representativos no território nacional. Dos resultados deste trabalho evidencia-se claramente, como o elemento de maior discriminação e de maior exclusão social, o sentir-se rotulados pelos italianos com base nos aspectos fundados nos seus valores familiares, sobretudo aqueles relativos ao patrimônio cultural e religioso que estas comunidades de imigrantes trazem consigo e que conservam zelosamente no novo mundo.

É, pois, o mundo de valores familiares o patrimônio que cada imigrante leva consigo e dentro de si que forja sua identidade e que lhe dá ainda maior significado em situações de marginalização e de segregação cultural. E é realmente quando nada é reconhecido, ou pior, é denegrido, que emerge o conflito de exclusão frente os outros.

Famílias com risco em uma sociedade multicultural

O debate sobre como observar a dimensão cultural e sobre como utilizá-la em psicoterapia é muito controverso. Na realidade, trata-se de uma temática que, após uma fase pioneira muito promissora, foi abandonada na evolução das teoria e terapia sistêmicas. Apesar disso, foi de fundamental importância para construir um novo modelo de pensar e de praticar a terapia de família, reintroduzindo sentimentos, afetos, raízes familiares e étnicas, dimensões sociais no paradigma sistêmico.

Famílias com risco em uma sociedade multi-étnica é o título de um número especial da Revista *Terapia Familiare* publicada em julho de 1997, que salienta os trabalhos principais de um importante Congresso Internacional ocorrido em Nápoles, em 1996, nas esplêndidas instalações do Teatro da Corte do Palácio Real. Foi o Congresso que, em volume, teve, sem dúvida, um valor histórico, pelo menos no que concerne aos professores e aos alunos das diversas sedes da Academia de Psicoterapia da Família, em *virtude*

de que, pela primeira vez, foi trazido ao centro da discussão a temática relativa à cultura e seu significado no pensamento e no trabalho clínico do terapeuta de família. E é propriamente o crescente e irreversível fluxo migratório na Europa e a conseqüente presença na Itália de famílias imigrantes pertencente a culturas, etnias e tradições diversas o que impõe a necessidade de um *confronto intercultural*. A partir deste confronto é possível prever a ocorrência de mudanças profundas sobre o tecido social inteiro e a constituição de novas formas e valores de família.

Os autores do volume, a grande maioria terapeutas de família, mostraram-se muito sensibilizados e competentes em acolher os valores e a linguagem das famílias estrangeiras, apesar do risco potencial da totalidade dos grupos familiares de, provavelmente, acharem-se marginalizados na própria sociedade de origem que lhes acolhia. O elemento unificador que se percebe lendo os vários trabalhos é a proposta de construir uma *psicologia dos processos migratórios*, capaz de oferecer uma perspectiva pluralista e comparativa da cultura. “A cultura é o cerne das relações humanas; é a estrada mestre para compreender a mente, o ser, e a identidade.”, afirma Di Nicola (1997) ao escrever “novos modelos de terapia para nova realidade social”.

“O estar sentado entre duas espécies de migrantes, ou de fato encontrar-se entre duas culturas, entre duas línguas, entre o aqui e o lá, entre o sentimento de fracasso ou de sucesso, pode produzir um recurso se se puder apropriar de as ambas as posições”, disse Ciola (1997).

Ao apresentar “Adolescentes que atravessam culturas e famílias”, De Leo (1997) aconselha ao terapeuta que trabalha com adolescentes em risco provenientes de outros países, que considere o seu próprio papel como mediador e educador e não apenas como agente de mudança e de controle. Ao falar dos matrimônios transculturais, Hotvedt (1997) acompanha o terapeuta e lhe permite compreender a importância da etnicidade e da cultura na terapia de casais, sugerindo-lhes quando trabalhar diretamente sobre as diferenças culturais ou quando, ao invés, minimizá-las. Lau (1997) e Shibusawa (2004) vão mais longe, na dimensão espiritual das famílias orientais e na cultura do silêncio como medida da intimidade familiar, contraposta ao rumor e à necessidade-obrigação de falar sempre com a intenção de esclarecer e encontrar-se em uma relação profunda, própria da cultura ocidental. Estes são muitos dos estímulos oferecidos pelos relatores presentes em Nápoles. Mas, além das apresentações formais se percebia no auditório uma energia diferente, como uma curiosidade nova e genuína frente um mundo de conhecimento ainda a ser descoberto e a ser incorporado nos paradigmas teóricos do psicoterapeutas e dos assistentes sociais e em suas intervenções clínicas e psico-sociais.

Como afirmaram Di Nicola (1997), Falicov (1999, 2002, 2003) e Andolfi (2003, 2004) entre outros estudiosos do assunto, é necessário ainda uma terapia familiar cultural e faltam ainda sólidos programas de formação, seja no âmbito da Universidade como da Escola privada, que ensinem a colocar a família, seja na sua evolução normal como frente a eventos psicopatológicos, em uma dimensão cultural. O problema principal não é, porém, o de adicionar novas matérias ao currículo de estudo do psicoterapeuta. Trata-se em realidade de modificar na base os fundamentos do nosso saber teórico e das escolas do pensamento tradicional, possibilitando a aquisição, como diz Falicov, de uma prática da diversidade cultural que respeite a preferência cultural e examine criticamente os modelos existentes das famílias e as teorias e técnicas utilizadas em psicoterapia. Somente assim se poderá chegar a uma prática da justiça social que se focalize sobre os efeitos da diferença de poder (devido às diferenças de gênero, econômica e racial, por exemplo) exercidas sobre o bem estar dos indivíduos e das famílias assim como sobre as relações entre pacientes e terapeutas.

O panorama futuro da psicoterapia em um tempo de crise global

Talvez mais do que nunca, como nesse início de milênio, a psicoterapia deveria interrogar-se sobre suas produções e sobretudo sobre sua verdadeira utilidade social. Depois do 11 de setembro, o mundo mudou e talvez o tenha feito ainda mais depois do recente e devastante Tsunami que se abateu sobre o sudeste asiático.

Os desastres produzidos pelo terrorismo ou pela natureza, apesar de partirem de premissas diversas, terminam por exercer efeitos devastadores em todo o planeta. Será que nos séculos passados não se morria das mesmas formas, devido a guerras entre irmãos ou por catástrofes naturais? Certamente sim. Mas isto não se sabia ou talvez se tinha conhecimento através de canais muito mais indiretos e mais lentos, se comparado com aqueles que hoje consentem uma difusão das informações em tempo real.

No 11 de setembro de 2001, eu estava em Nova York. Tomava o café da manhã com a televisão ligada quando aconteceu o primeiro ataque às Torres Gêmeas. Participei, portanto, ao vivo de todo o terrível evento... Todavia, apenas com a diferença devido ao fuso horário, todo o mundo pode “participar” da mesma catástrofe. A televisão acostumou-nos a ver a guerra ao vivo, como as partidas da Liga dos Campeões, desde os tempos da Guerra do Golfo até a do Afeganistão, e agora, a do Iraque.

O Tsunami, uma pequena versão do Apocalipse, deixou-nos envolvidos até em função do elevado número de vítimas européias e desaparecidos

resultantes da destruição. Fomos envolvidos um pouco menos, de fato, quase ninguém percebeu, em um outro apocalipse, uma enchente muito forte que muito recentemente deixou meio milhão de vítimas (!) em Bangladesh.

Viajando por várias semanas, em Namíbia e Botswana, não muito tempo depois de 11 de setembro, dei-me conta da absoluta distância emotiva da população local do “drama ocidental” do ataque às Torres Gêmeas. Um distanciamento não devido à falta de informações televisivas sobre o acontecido, mas em virtude dos milhões de mortos de AIDS daquela região da África, absolutamente ignorados pelo mundo ocidental. Isso levava os africanos a utilizarem uma frase recorrente... “mas, para nós, cada dia é um 11 de setembro!”.

Mas, o que tudo isso tem a ver com a psicoterapia familiar? Nada ou muito, dependendo do ponto de vista. Nada, ao pensar que nenhum psicoterapeuta pode ter uma solução para a crise planetária. E que, então, é melhor não se deixar invadir pelos desastres do mundo e continuar fazendo bem a psicoterapia no próprio consultório com os pacientes, sejam eles indivíduos, casais ou famílias. Muito, se, ao invés de jogar fora tais desastres do mundo (se é que se consegue), o terapeuta se permite lidar com os efeitos deles nos nossos modelos de referência. Da influência nas novas formas de aprendizagem e de intervenção, além da nossa consciência política.

Talvez, seja necessário rever a palavra contexto e pensar de modo diferente e a partir de outros espaços de observação, os mundos familiares. Sendo verdade que nos encontramos hoje diante de inúmeras novas formas de família, quem sabe devemos mudar nosso foco sobre as configurações familiares bastante diversas entre si (pense somente na diferença entre a família tradicional e família adotiva ou reconstituída). Sendo também verdadeira a presença, na Itália, de tantos grupos familiares que vêm de zonas que foram palco de guerras ou de calamidades naturais, existe a demanda pela aquisição de novas competências. Atitudes que permitam entrar mais facilmente em contato com o que é diferente e construir uma familiaridade compartilhada. Nesse sentido, a pesquisa sobre recursos, das áreas de resiliência e de competência de cada pessoa e do grupo familiar como um todo é essencialmente uma viagem no mundo cultural e nas raízes sociais de quem está pedindo ajuda. Cabe a nós a captação da linguagem das outras culturas, mesmo quando não estão em harmonia com a nossa. E também captar as dissonâncias e as consonâncias entre elas, sem preconceito. Mas, para entrar em contato e ser aceito nas histórias de desenvolvimento dos outros, seguidamente carregadas de perdas de referências e de traumas afetivos, devemos aprender a manter-nos em contato com a nossa integridade pessoal, cultural e de gênero mesmo quando adentramos em mundos diversos e

desconhecidos.

Como se afirmava em um parágrafo anterior, nos anos pioneiros da terapia familiar, intervir no social significava fazer visitas domiciliares e trabalhar a rede ao redor da família em dificuldade. Então, hoje, há uma forte exigência de nos tornarmos pioneiros em territórios mais complexos. É preciso adquirir e fornecer novos métodos para psicoterapeutas, psicólogos clínicos e psiquiatras sociais. Basta pensar na utilidade social de construir novos perfis profissionais, como aqueles da Mediação Cultural e da Psicologia da Emergência, para citar alguns. Pensar em estratégias para poder instruir e enviar psicólogos, psiquiatras e outros operadores sociais em áreas destruídas, pela guerra ou pela natureza, como os Bálcãs, e agora o sudeste asiático. E, também com o objetivo de formar psicoterapeutas capazes de trabalhar sobre os efeitos, em longo prazo, da guerra e das calamidades naturais mais variadas, e sobre aqueles distúrbios que surgem sob o nome de *Transtorno de Estresse Pós-Traumático* (TEPT).

Por mais de 30 anos participei ativamente de Congressos internacionais organizados pelas mais reconhecidas organizações internacionais (das quais sou mais do que um sócio ordinário). Instituições como a *American Family Therapy Association* (AFTA), a *American Marital and Family Therapy Association* (AAMFT), a *European Family Therapy Association* (EFTA), a *International Family Therapy Association* (IFTA), somente para citar as mais reconhecidas.

Seria interessante percorrer, novamente, as histórias desses congressos internacionais e os temas principais tratados no interior dos mesmos, para perceber-se a atualidade do que está descrito nesse artigo. Os temas relativos à família e ao trabalho dos terapeutas familiares na comunidade são centrais nos anos 70 e 80. Ficam em evidência, nas décadas sucessivas, os aspectos relacionados aos paradigmas e às novas epistemologias, com o desaparecimento progressivo da família como objeto de atenção e de intervenção. Esse desaparecimento ocorre apoiado no pressuposto que o modelo relacional-sistêmico vai bem mais além da família. Então, porque não retirar a palavra *família* de todas essas siglas internacionais como o fez “coerentemente” o *Family Therapy Networker*, o mais difundido e reconhecido periódico de estudos sobre a família. Depois de mais de 20 anos, o periódico decidiu mudar de rumos e retirar a *família* para colocar um título por assim dizer mais *in* ao momento atual, re-batizando-se: *Individual Therapy Networker*.

Milhares de terapeutas se reencontram periodicamente nos congressos, sempre mais grandiosos, nos quais as temáticas tendem a ser repetitivas e as linguagens dominantes sempre mais dominantes. Acabam por reduzir-se a meros ritos de pertencimento e de troca, sobretudo publicitária, entre as

várias escolas de formação.

Mas nem tudo o que é ruim vem para o mal... Parece-me que, propriamente nesses últimos anos, o mundo dos terapeutas tenha se direcionado a repensar sobre sua utilidade social potencial num mundo sempre mais em crise, dilacerado por desencontros de cultura e de valores religiosos sempre mais divulgados. As revoluções culturais não surgem nunca em situações de bem-estar coletivo... a contradição, a injustiça e os desequilíbrios sociais são os ingredientes mais potentes para incitar verdadeiros processos de mudança.

Gostaria de concluir esse trabalho citando um Congresso Internacional do qual participei em março de 2004. Esse Congresso fez-me re-experimentar, depois de tanto tempo, uma sensação de vitalidade e de esperança por um movimento: aquele dos terapeutas familiares, ao qual sinto ter participado por toda a trajetória de minha vida profissional.

Talvez a localidade, Istambul, a única cidade no mundo construída sobre dois continentes, representa o desafio e a melhor metáfora para uma convergência entre culturas diversas que unam a Europa e a Ásia, o Oriente e o Ocidente, o Norte e o Sul, religiões diferentes e múltiplas etnias, sem contar, obviamente, a variedade de modelos familiares. As expectativas não eram as melhores, tendo em vista que o ataque terrorista de Madri aconteceu somente 14 dias antes do Congresso e muitos cancelaram a sua participação por causa da situação política. Todavia, o Congresso se desenvolveu em um clima de grande entusiasmo coletivo, testemunhando uma espécie de re-nascimento e de vontade de fazer, de trocar idéias sobre um tema imponente como *Famílias em um tempo de crise global*.

Eis a expectativa anunciada na abertura pelo Comitê Organizador: O tema deste Congresso, que foca o impacto das crises globais sobre a família, pode parecer um tema incomum para os terapeutas familiares. Nós estamos mais acostumados aos clientes que nos consultam do que a levar em consideração sua visão de mundo. Todavia, desde quando os terapeutas familiares estão sendo ajudados a escutarem as vozes das mulheres e de vários grupos marginalizados, se verifica uma gradual tomada de consciência do impacto dos eventos estressantes e traumáticos sobre a vida familiar e individual. O fato de ser atingido por um desastre natural, por uma guerra, de perder suas origens, destrói o direito à vida familiar. Os documentários dos meios de comunicação em massa recontam a história imediata, mas a recuperação e a reconstrução requerem tempos mais longos. Encontrar um sentido no caos, reparar relações despedaçadas, reconstruir vidas, requer a operação de todas as capacidades e a imaginação que caracterizaram a terapia familiar desde suas origens.

Falou-se de Kosovo, dos refugiados políticos da Libéria em Nova York, dos efeitos devastadores exercidos sobre tantas famílias pelo terremoto na Turquia, do trabalho com crianças vítimas de guerras e de calamidades naturais em tantas partes do mundo, de intervenções de emergência e de rede tentando dar conta do crescente Transtorno de Estresse Pós-Traumático. É interessante notar como os diversos relatores surgiram todos de uma formação como psicoterapeutas de família com uma orientação relacional-sistêmica. E afinal, o retorno ao social é uma utopia ou uma necessidade para os terapeutas de família?

Referências

- Andolfi, M. (2004). *Famiglie immigrate e psicoterapia transculturale*. Milano: Franco Angeli.
- Andolfi, M. (2003). *La mediazione culturale - Tra l'estraneo e il familiare*. Milano: Franco Angeli.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine Books.
- Ciola, A. (1997). Stare qui stando là - star seduto fra due sedie, o... la condizione del migrante. *Terapia Familiare*, 54.
- De Leo, G. (1997). Adolescenti che attraversano culture e famiglie. *Terapia Familiare*, 54.
- Di Nicola, V. (1997). Nuove realtà sociali, nuovi modelli di terapia: terapia familiare culturale per un mondo in trasformazione. *Terapia Familiare*, 54.
- Di Nicola, V. (1997). *A stranger in the family: culture, families and therapy*. New York: W. W. Norton.
- Falicov, C. J. (2003). Immigrant family processes. In F. Walsh (org.), *Normal Family Processes*. New York: Guilford Press.
- Falicov, C. J. (2002) Ambiguous loss: risk and resilience in latino immigrant families. In M. Suarez Orozco & M. Paez (orgs.), *Latinos: Remaking America*. San Francisco, CA: University of California Press.
- Falicov, C. J. (1999), Cultural variations in the family life cycle: the case of the Latino family. In B. Carter & M. McGoldrick (orgs.), *The changing family life cycle: a framework for family therapy*, (3a ed.). New York: Gardner Press.
- Fondazione Silvano Andolfi. (2003). *La qualità della vita delle famiglie immigrate*. Milano: Franco Angeli.
- Haley, J. (1974). *Le strategie della psicoterapia*. Firenze: Sansoni.
- Hotvedt, M. (1997). Il matrimonio interculturale: l'incontro terapeutico. *Terapia Familiare*, 54.

- Lau, A. (1997). Dimensões espirituais nelle famílias orientais. *Terapia Familiar*, 54.
- Minuchin, S. (1999). Dov'è a família nella terapia familiar narrativa? *Terapia Familiar*, 60.
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Shibusawa, T. (2004). La prática clínica con le famílias immigrate asiáticas. In M. Andolfi (org.), *Famílias immigrate e psicoterapia transcultural*. Milano: Franco Angeli.
- Sluzki, C. E. (1999). In cerca della família perdida: un comentário all'articolo di Minuchin. *Terapia Familiar*, 60.
- Watzlawick, P., Beavin, J., Jackson, Don D. (1971), *Pragmática della comunicação humana*. Roma: Astrolabio.

Endereço para correspondência

jolandalamberti@accademiapsico.it

Tradução

Laíssa Eschiletti Prati – psicóloga, terapeuta de família

laissa.prati@terra.com.br

Líndia Marlene Cusinato – médica, terapeuta de família

lindoiac@yahoo.com.br

Recebido em: 04/04/2006

Aceito em: 28/08/2006